

## Jesus como o Israel escatológico na narrativa mateana da tentação

Láion Gargano Ramos<sup>72</sup>

**Resumo:** Tendo em vista que em Jesus as Escrituras são cumpridas de acordo com a perspectiva do Evangelho de Mateus, bem como as discussões acerca da forma que esse evangelista faz uso de textos do Antigo Testamento e como muitas vezes ele parece desconsiderar o sentido original, pesquisa-se sobre o registro mateano do episódio da tentação e como ele apresenta Jesus nessa perícopes. Para tanto, é necessário analisar alguns temas teológicos e motivos literários de Mateus em sua apresentação de Jesus, realizar uma análise comparativa entre a narrativa da tentação de Jesus e os testes a que Israel foi submetido no deserto e apresentar uma hipótese sobre o propósito do evangelista ao descrever Jesus dessa forma para a sua audiência. Realiza-se, então, uma pesquisa bibliográfica. Diante disso, verifica-se que Mateus parece fazer uma interpretação tipológica do Antigo Testamento em sua narrativa sobre Jesus, o apresentando não só como o Messias prometido, mas também como o Israel escatológico, o Filho e Servo de Deus definitivo.

**Palavras-Chave:** Evangelho de Mateus. Jesus. Israel. Tentação no deserto. Hermenêutica. Tipologia.

**Abstract:** Given that in Jesus the scriptures are fulfilled according to the perspective of the Gospel of Matthew, as well as discussions about the way this evangelist makes use of Old Testament texts and how he often seems to disregard the original meaning, research is carried out on Matthew's record of the episode of temptation and how he presents Jesus in this pericope. Therefore, it is necessary to analyze some theological themes and literary motifs of Matthew in his presentation of Jesus, perform a comparative analysis between the narrative of the temptation of Jesus and the tests to which Israel was subordinated in the desert and present a hypothesis about the evangelist's purpose in describing Jesus in this way to his audience. A bibliographical research is then carried out. Given this, it appears that Matthew seems to make a typological interpretation of the Old Testament in his narrative about Jesus, presenting him not only as the promised Messiah, but also as the eschatological Israel, the definitive Son and Servant of God.

**Keywords:** Gospel of Matthew. Jesus. Israel. Temptation in the desert. Hermeneutics. Typology.

### 1. INTRODUÇÃO

Todos os Evangelhos sinóticos relatam o episódio da tentação de Jesus no deserto (cf. Mt 4.1-11; Mc 1.12,13; Lc 4.1-13). Mas, diferentemente de Mateus, Marcos faz um registro bem resumido e Lucas traz outros detalhes e ênfases distintos. Neste estudo, será analisado

---

<sup>72</sup>Pós-graduado em Teologia do Novo Testamento pelo STJE/UNIFIL. Graduado em Teologia pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: [laion.gargano@gmail.com](mailto:laion.gargano@gmail.com)

especificamente o registro mateano<sup>73</sup> do episódio, sua ênfase, estrutura, propósito e a função da passagem no Evangelho como um todo.

Uma vez que há um longo debate em torno do modo como Mateus (e outros autores do Novo Testamento [NT]) faz uso do Antigo Testamento (AT) em seu escrito, sendo afirmado por alguns que simplesmente os autores do NT desconsideraram totalmente o sentido original dos textos usados do AT<sup>74</sup>, neste artigo será feita uma análise comparativa, a fim de contribuir com a discussão de como em Jesus as Escrituras são cumpridas de acordo com a perspectiva mateana e como isso aponta para um dos pressupostos hermenêuticos de Mateus ao fazer uso do AT.

Conforme será demonstrado, Mateus parece fazer uma interpretação tipológica do AT em sua narrativa sobre Jesus. Segundo D. A. Carson (2010, p.48), a “relação entre profecia e cumprimento [por Mateus], com frequência, é tipológica: entende-se que Jesus deve de algumas maneiras recapitular a experiência de Israel”. Nessa mesma linha, R. T. France (LADD, 2003, p. 286) diz que esse Evangelho “é rico em alusões ao Antigo Testamento, muitas das quais descrevem uma relação ‘tipológica’ entre Jesus e os principais aspectos das atividades de Deus no passado de Israel”.

Embora haja discussão acerca da natureza da tipologia Bíblica, na presente pesquisa esse tipo de interpretação é definido como o entendimento e percepção de padrões de ações divinas que se repetem na história, embora com avanços. Ou seja, personagens ou eventos posteriores (antítipos) são vistos como cumprimentos de personagens ou eventos anteriores (tipos). Segundo Marta Marczyk (2010, p. 9), a tipologia Bíblica estabelece uma dinâmica de conexão entre o AT e NT, produzindo uma chave de compreensão de significados que surgem a partir de vínculos entre fatos ou pessoas. De acordo com G. K. Beale (2013, p. 36), a tipologia pode ser definida como

*o estudo das correspondências analógicas entre verdades reveladas acerca de pessoas, fatos, instituições e outros elementos no âmbito do plano histórico da revelação especial de Deus; correspondências essas que, do ponto de vista retrospectivo, são de natureza profética e têm sentido intensificado. De acordo com essa definição, as características essenciais de um tipo são: 1) correspondência analógica, 2) historicidade, 3) caráter prenunciativo (i.e., um aspecto de prefiguração ou pré-significação), 4) intensificação e 5) retrospectiva (grifos do autor).*

---

<sup>73</sup>Neste artigo está pressuposto que o autor do Evangelho de Mateus é o apóstolo de Jesus. Embora a discussão acerca da autoria não seja relevante para aquilo que se propõe a mostrar o presente estudo.

<sup>74</sup>E. g., quando em Mateus 2.15 é afirmado que o texto de Oseias 11.1, que no contexto original se refere ao êxodo de Israel, se cumpre na ida de Jesus para o Egito com a sua família (isso será tratado mais adiante). Para uma proposta acerca do uso que os autores do NT fazem do AT, veja: BEALE, 2014.

Destarte, o objetivo é expor um dos motivos literários e temas teológicos de Mateus ao se analisar o seu registro da tentação de Jesus e assim verificar como ele, em seu modo de narrar e descrever o episódio da tentação no deserto, faz um paralelo entre Israel e Jesus.

Para que fique claro a intenção de Mateus, este artigo está dividido em três seções. Na primeira seção, são analisados alguns temas teológicos e motivos literários de Mateus em sua apresentação de Jesus. Na segunda e maior seção, é feita uma análise comparativa entre a narrativa da tentação de Jesus e os testes a que Israel foi submetido no deserto. Então, na terceira e última seção, com as informações necessárias em vista, é apresentada uma hipótese sobre o propósito de Mateus ao descrever Jesus dessa forma para a sua audiência.

Assim, a tese será de que Jesus é descrito e apresentado por Mateus como aquele que é o antítipo de Israel, o Israel escatológico, ou seja, o Filho e Servo de Deus definitivo. Em outras palavras, o que o episódio do teste de Jesus irá mostrar é que Mateus não apenas o apresenta como aquele em quem as profecias do AT que dizem respeito a um rei messiânico finalmente se cumprem, mas também em quem as narrativas essenciais da história de Israel encontram seu cumprimento escatológico, ou seja, definitivo e pleno.

Para o desenvolvimento do presente estudo, foi realizada uma pesquisa em algumas fontes bibliográficas. Como forma de apoio na argumentação, apresentação e estruturação do artigo, especialistas no Novo Testamento, bem como outros estudiosos, foram consultados e citados. Desses materiais usados, há comentário Bíblico, teologia do Novo Testamento, introdução ao Novo Testamento, dentre outros.

## **2. TEMAS E MOTIVOS LITERÁRIOS EM MATEUS**

Mateus inicia seu registro apresentando Jesus como um israelita legítimo, não só como descendente de Abraão, mas também de Davi (cf., Mateus 1.1). Relatar que Jesus é descendente de Davi é importante porque Mateus irá apresentá-lo como o Rei de Israel, o Messias aguardado (cf. Jr 23.5,6).

Em 1.21, o autor descreve o anúncio do anjo a José, o qual revela que o filho que Maria, sua futura esposa, espera é o Salvador de Israel. A seguir, no capítulo 2.6, está a passagem onde os mestres da lei e sacerdotes falam a Herodes que o Messias, o qual nasceria em Belém conforme estava predito nas Escrituras, iria conduzir o seu povo. Dessa forma, como diz Frank Thielman (2007, p. 113-4), “Mateus deseja informar seus leitores de que

Jesus cumpriu as expectativas judaicas sobre ‘o Cristo’ — o descendente do pastor-rei, Davi, que seria o rei ungido e resgataria Israel dos pastores ímpios dentre o povo de Deus”.

Além disso, no episódio do batismo de Jesus há algo fundamental para a compreensão de pelo menos um dos motivos literários de Mateus. O autor informa que o próprio Deus declara que Jesus é o seu filho e que se agrada nele (cf., Mt 3.17). Conforme os Salmos 2.7; 89.26,27 nos mostram, o rei de Israel também é chamado de filho de Deus no AT. Mais especificamente, em 2Samuel 7.14 o filho de Davi também é considerado por Deus o seu filho, o que pode ser aplicado aos demais que farão parte da dinastia davídica, uma vez que ela será eterna (cf., 2Sm 7.16). Segundo Carson (2015, p. 48), sempre “que um novo descendente da linhagem de Davi assumia o trono, naquele momento ele se tornava ‘filho’ de Deus, ou seja, Deus o ‘gerava’ colocando-o nessa função”.<sup>75</sup>

Além do referente no AT, George Ladd (2003) também informa que na literatura do judaísmo do segundo templo há referências ao Messias com o título de Filho de Deus, como por exemplo, 4Esdras, uma literatura apocalíptica do primeiro século d.C. Não obstante, o mesmo autor ressalta que, segundo alguns estudiosos, “a frase Filho de Deus não foi uma designação messiânica comum nos tempos do Novo Testamento, muito embora alguns pensem que isto tenha sido possível” (Ibid., p. 214-5). Nessa mesma linha, Larry Hurtado (2012) informa que, diante da descoberta e publicação dos textos de Qumran, ficou ainda mais explícito que o conceito de filiação divina fazia parte do discurso acerca do Messias no judaísmo pré-cristão. Segundo Craig Blomberg (2019), um fragmento dos Manuscritos do Mar Morto chamado “4Q246” provavelmente identifica o Filho de Deus como uma figura messiânica, embora haja discordância entre os estudiosos acerca dessa identificação. James Dunn (2021, p. 94) corrobora com essas afirmações e acrescenta que também “na literatura da sabedoria de Israel os justos pensam em si mesmos como ‘filhos de Deus’ e rezam a Deus como ‘Pai’”.

Essas referências nos primeiros capítulos do Evangelho apontam para um dos motivos principais de Mateus em sua narrativa, qual seja, que ele “deseja demonstrar, entre outras coisas, que [...] Jesus é o Messias prometido, o Filho de Davi, o Filho de Deus [...], aquele para quem o Antigo Testamento aponta” (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 91).<sup>76</sup> Ou seja, a “colocação de todos esses dados no início da narrativa demonstra o desejo de Mateus

---

<sup>75</sup>Veja também: LADD, 2003, p. 214.

<sup>76</sup>LADD (2003, p. 215-218) por sua vez, entende que a filiação de Jesus tem aspectos sobrenaturais em sua relação com Deus e que, portanto, sua filiação não é um sinônimo do ofício de Messias, mas é anterior e a base para isso. Veja também: HURTADO, 2012, p. 404.

de apresentar Jesus como o rei messiânico das expectativas dos profetas” (THIELMAN, 2007, p. 114).

Entretanto, não é só o rei ungido ou o descendente de Davi que recebem o título de filho de Deus no contexto veterotestamentário. “Em todo o Antigo Testamento, repetidas vezes, a relação que Israel desfrutava com Deus é descrita em termos de filiação” (LADD, 2003, p. 2013). Pode-se verificar que em várias passagens do AT Israel também é chamado ou se vê como filho de Deus (e.g., Dt 32.18; Sal 80.15; Jr 31.9; Os 11.1). Isso também é aplicado de forma individual a cada israelita, membro da aliança (e.g., Dt 14.1; Is 43.6). É interessante que, ao reafirmar a missão de Moisés no seu retorno para o Egito, Deus manda que ele diga a Faraó que “Israel é o meu primeiro filho” (Êx 4.22). O próprio Deus, por meio de Jeremias, faz uma pergunta retórica: “Não é Efraim [Israel] o meu filho querido? O filho em quem tenho prazer?” (Jr 31.20), expressão similar àquela que se encontra em Mateus 3.17. Em Oséias 1.10 os israelitas são chamados de “filhos do Deus vivo”, de forma semelhante a declaração de Pedro que Jesus é “o Filho do Deus vivo” em Mateus 16.16.<sup>77</sup>

Assim, a intenção de Mateus não é apenas demonstrar que Jesus é o rei ungido prometido, o descendente de Davi esperado, mas também aquele que, além de cumprir as profecias das Escrituras judaicas em sua pessoa e missão, é o representante de Israel, e na verdade, de alguma maneira, o verdadeiro e definitivo Israel:<sup>78</sup> o Israel escatológico. Falando sobre a apresentação mateana de Jesus, Sidney Greidanus (2019, p. 77) diz que ela está deveras enraizada “na história de Israel do Antigo Testamento, tão profundamente que as bênçãos prometidas para Israel no Antigo Testamento só encontram cumprimento nele. Ele é Israel, a personificação representativa do verdadeiro Israel, como também seu rei”.

A fim de demonstrar isso, Mateus narra a trajetória de Jesus de uma forma que mostre que alguns episódios de sua vida fazem uma espécie de rememoração de alguns eventos centrais da história do povo de Israel. Segundo N. T. Wright (2019, p. 89, grifo do autor), Mateus enfatiza a ideia “de que a vida de Jesus *recapitula* elementos-chave da história de Israel”. Em outras palavras, “Mateus dá a entender, em várias passagens, que Jesus representa a nação de Israel, recapitulando suas tentações, sofrimento e destino” (THIELMAN, 2007, p. 116).<sup>79</sup> Hurtado (2012, p. 429), por sua vez, diz que os relatos da natividade (tanto em Mateus quanto em Lucas) “são minuciosamente trabalhados para apresentar o nascimento de Jesus em conexão com a história bíblica de Israel”.

<sup>77</sup> Quem chamou minha atenção para isso foi o Beale (2014, p. 62).

<sup>78</sup> Assim também pensa CARSON, 2015, p. 42-3.

<sup>79</sup> Veja também: BEALE, 2014, p. 63.

Isso fica claro quando, por exemplo, Mateus usa as palavras de Oséias 11.1, que no contexto original se referem a Israel como o filho que Deus chamou (tirou) do Egito, e aplica a Jesus quando este se encontrava no Egito junto com sua mãe e José. (cf. Mt 2.13-15). Dessa forma, “Mateus aplica a Jesus o que o AT dizia de Israel” (BEALE, 2014, p. 34). Comentando essa analogia hermenêutica de Mateus, Craig Keener (2017) diz que há a possibilidade de o evangelista ter aprendido isso em sua leitura de Isaías 42—53, onde a missão de Israel é definitivamente cumprida por aquele que é apresentado no texto. De forma semelhante, mais adiante, no capítulo 8.17, Mateus vai aplicar ao ministério de cura de Jesus o cumprimento de Isaías 53.4. Assim, “para Mateus, Jesus entra na história a fim de concluir a história de Israel” (BARTHOLOMEW; GOHEEN, 2017, p. 156).

Portanto, ao apresentar Jesus como aquele que é Israel por excelência e seu antítipo, Mateus demonstra que ele cumpre a vocação de Israel. Ou seja, Israel falhou em sua missão de ser luz para os povos<sup>80</sup> porque falhou em sua fidelidade na aliança com Deus. Porém, Mateus irá mostrar que o “primeiro ‘filho’ falhou, mas apontava para o ‘Filho’ que nunca falharia” (CARSON, 2010, p. 143).<sup>81</sup> Como será visto, isso é explicitado ainda mais na forma como Mateus narra o episódio da tentação de Jesus no deserto.

### **3. A NARRATIVA DA TENTAÇÃO E SEU PARALELO COM ISRAEL (MATEUS 4.1-11)**

Juntamente com seu batismo (cf. Mateus 3.13-17), a tentação/teste no deserto faz parte da narrativa mateana da preparação de Jesus para o exercício do seu ministério. O próprio conectivo “então” no início do versículo indica uma continuidade cronológica entre o batismo de Jesus do capítulo anterior e a passagem acerca da sua tentação.

Conforme poderá ser verificado, as tentações de Jesus que serão relatadas nesta passagem servem como uma rerepresentação das provações que Israel enfrentou no deserto. Segundo Thielman (2007, p. 116), Mateus “formula [esta passagem] de acordo com o relato da peregrinação de Israel no deserto, descrita e aludida em Deuteronômio 6 a 8”. Porém, Mateus mostrará que onde Israel falhou, Jesus triunfou por ser orientado pela Palavra de Deus (CARSON; MOO; MORRIS, 1997). Craig Blomberg (BEALE; CARSON, 2014) diz que, em Jesus, a história de Israel é recapitulada. Em contraste, porém, Jesus permanecerá fiel onde

---

<sup>80</sup>A gênese dessa missão e vocação de Israel está na promessa de Deus a Abraão (cf. Gênesis 12.3; 22.18).

<sup>81</sup>Essa forma de descrever Jesus como Filho com o “F” maiúsculo não faz parte do equivalente nos documentos originais do NT, pois não havia essa convenção literária na época. Hoje se faz isso a fim de destacar a singularidade e particularidade da filiação de Jesus.

Israel foi infiel conforme ficará claro na narrativa da tentação. Ou seja, “Jesus retoma a história do povo de Israel e vive-a como Israel deveria ter procedido para ter êxito” (OLIVEIRA, 2018, p. 62). Pois, ao “contrário do antigo Israel, Jesus, como seu representante[...], passa nos testes” (KEENER, 2017, p. 53).<sup>82</sup>

### 3.1 Prólogo (vv. 1,2)

Conforme Mateus descreve, Jesus é conduzido a um deserto (v. 1), provavelmente próximo ao Jordão, local onde ele havia sido batizado no capítulo anterior. O paralelo é então estabelecido já no começo da narrativa, pois Mateus demonstra que da mesma forma que Deus conduziu Israel no deserto, agora o Espírito conduz Jesus a uma região desértica. Sobre isso, Keener (2017) afirma que o ato de Deus conduzir Israel no deserto é um dos mais lembrados e repetidos no AT. Já Carson (2010), afirma que o deserto é o local onde Israel experimentou seus primeiros grandes testes. Blomberg (BEALE; CARSON, 2014, p. 18), por sua vez, informa que a “peregrinação pelo deserto estabelece o paradigma da experiência de Deus com Israel”.<sup>83</sup>

O autor deixa claro que Jesus é levado até lá para ser tentado, ou seja, testado em sua fidelidade a Deus. Embora o agente dessa tentação seja o diabo, o adversário de Deus, “as ‘tentações’ de Deus têm claramente o propósito de testá-lo [Jesus] da mesma forma como Israel foi testada, e as respostas de Jesus provam que ele entendia isso” (CARSON, 2010, p. 143).

As semelhanças continuam no fato de os quarenta dias que Jesus passou em jejum no deserto servirem como paralelo aos quarenta anos que Israel passou no deserto (v. 2).<sup>84</sup> Estas palavras de Moisés aos israelitas — a leste do Jordão, na terra de Moabe — deixam mais clara a analogia feita por Mateus:

Lembre-se de como o Senhor, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a

---

<sup>82</sup>Veja: THIELMAN, 2007, p. 117.

<sup>83</sup>Veja: OLIVEIRA, 2018, p. 36.

<sup>84</sup>KEENER, 2017, p. 54, enxerga aqui também um paralelo com o jejum de 40 dias de Moisés (cf. Êxodo 34.28). Nesse caso, Mateus poderia também estar apresentando Jesus como o novo Moisés. Acerca disso, Beale (2013, p. 136), diz: “Até a ideia de que Jesus representa coletivamente o verdadeiro Israel talvez se deva em parte não só à ideia de que os antigos reis de Israel representavam e resumiam neles próprios a nação de várias formas, mas também ao fato de que o mesmo se aplicava a Moisés e, de igual modo, esperava-se que valesse para o Servo de quem Moisés era prenúncio tipológico”.

fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não (Deuteronômio 8.2).<sup>85</sup>

A similaridade também se dá no fato de que assim como Jesus teve fome durante seu momento de comunhão e preparação<sup>86</sup>, os israelitas também tiveram momentos de falta de alimento no deserto.

Então, após essa introdução ao episódio, Mateus passa a relatar as três tentativas do diabo de fazer Jesus cair em tentação, de falhar em seu teste. Concernente a isso, Bartholomew e Goheen (2017) dizem que Satanás apresenta três caminhos para fazer Jesus desviar da sua missão: o populista, o do operador de milagres e o do revolucionário violento. Ou, como expressa R. V. G. Tasker (1980, p. 41), as tentações de Jesus no deserto descritas por Mateus “eram uma só, a saber, a tentação de confiar na primeira parte da mensagem dita pela voz celestial à hora de seu batismo ao ponto de poder evitar o caminho traçado para ele na segunda parte”.

### **3.2 Primeiro Teste (vv. 3,4)**

No v. 3, Mateus descreve o primeiro ataque do diabo. Uma vez que Jesus está com fome, o diabo tenta incitar Jesus a satisfazer as suas necessidades para que seja demonstrado que ele é filho de Deus.

Que Jesus é o Filho de Deus já ficou claro no relato do batismo, pois Deus mesmo testemunhou (cf., Mateus 3.17). Assim, “Satanás não estava convidando Jesus a duvidar da própria filiação, mas a refletir sobre o sentido dela. A filiação do Deus vivo, sugeriu ele, representa, sem dúvida, que Jesus tem o poder e o direito de satisfazer suas próprias necessidades” (CARSON, 2010, p. 144). Portanto, a tentativa do diabo não foi tanto para que Jesus provasse sua filiação divina, mas para que ele usasse essa filiação de maneira errada, desviando Jesus de sua missão.<sup>87</sup> “O diabo contesta a filiação de Jesus, ou busca defini-la de

---

<sup>85</sup>Deuteronômio exerce um papel fundamental nesta perícope, visto que todas as citações que Jesus irá fazer das Escrituras provém desse livro da Torah.

<sup>86</sup>CARSON (2010, p. 146-7), apresenta um elemento gramatical para defender que a fome não veio apenas após os 40 dias de jejum e que, portanto, não há fundamento exegético para um acontecimento sobrenatural aqui.

<sup>87</sup>Blomberg, (BEALE; CARSON, 2014, p. 18), diz que no “texto grego, o segmento de frase ‘se és Filho de Deus’ [...] é uma condição de primeira classe e não dá a entender que o demônio duvidava dessa condição de Jesus. Ele está interessado em descobrir que tipo de Filho é Jesus”. Hurtado (2012, p. 338), informa que os “escárnios do diabo sobre a filiação divina de Jesus são expressos em uma formulação grega que não contesta a afirmação. Pelo contrário, mostra-se que o diabo tenta fazer Jesus agir de acordo com sua filiação divina de maneiras impróprias”.

forma contrária à Palavra de Deus” (KEENER, 2017, p. 54).<sup>88</sup> Ele vai ser tentado de forma parecida pelos judeus quando estiver na cruz (cf. Mt 27.39,40).

Então, no v. 4, Jesus contra-ataca o diabo citando Deuteronômio 8.3. Aqui não se trata de Jesus citando um versículo isolado. No contexto dessa passagem, Moisés está relembrando ao povo de Israel o que eles passaram durante o deserto. Ele diz assim:

Tenham o cuidado de obedecer toda a lei que eu hoje lhes ordeno, para que vocês vivam, multipliquem-se e tomem posse da terra que o Senhor prometeu, com juramento, aos seus antepassados. Lembre-se de como o Senhor, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não. Assim, ele os humilhou e os deixou passar fome. Mas depois os sustentou com maná, que nem vocês nem os seus antepassados conheciam, para mostrar-lhe que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca do Senhor (Deuteronômio 8:1-3).<sup>89</sup>

Moisés aqui está se referindo ao episódio em Êxodo 16, quando os israelitas, dois meses após saírem do Egito, murmuraram contra o Senhor porque estavam com fome, dizendo: “Quem dera a mão do Senhor nos tivesse matado no Egito! Lá nos sentávamos ao redor das panelas de carne e comíamos pão à vontade, mas vocês nos trouxeram a este deserto para fazer morrer de fome toda esta multidão” (Êxodo 16.3). Diante dessas palavras, o Senhor informa a Moisés que fará “chover pão do céu” todos os dias, a fim de colocá-los “à prova para ver se seguem ou não as minhas instruções” (v. 4). Então, conforme os versículos 13-14, Deus fez aparecer sobre a terra o que depois passou a ser chamado de maná (v. 31), o “pão que o Senhor lhes deu para comer” (16.15). Moisés, então, lembra o povo para não guardar nada para o outro dia (v. 19).

Porém, “alguns deles não deram atenção a Moisés e guardaram um pouco até a manhã seguinte, mas aquilo criou bicho e começou a cheirar mal” (v. 20). Moisés também disse aos israelitas para recolherem o dobro na sexta a fim de guardarem para o sábado, uma vez que nesse dia Deus não enviaria o alimento (vv. 22-26). Todavia, mais uma vez alguns deles desobedeceram por não confiarem na Palavra do Senhor e saíram no sábado para recolher o maná, mas não acharam (v. 27). “Então o Senhor disse a Moisés: ‘Até quando vocês se recusarão a obedecer aos meus mandamentos e às minhas instruções?’” (16.28). Relembrando

---

<sup>88</sup>Veja também: LADD, 2003, p. 216.

<sup>89</sup>“A provisão de um alimento que Israel antes desconhcia deixou claro que a vida não provém do simples alimento. Sem a palavra divina o próprio alimento pode faltar” (THOMPSON, 1982, p. 130).

essa rebeldia dos israelitas, o salmista disse que “Dominados pela gula no deserto, puseram Deus à prova nas regiões áridas” (Salmos 106.14).

Portanto, ao contrário de Israel que falhou no teste, Jesus permanece fiel e confiante na Palavra de Deus ao não se deixar levar pela tentativa do diabo de fazê-lo se valer da sua filiação para satisfazer as suas necessidades e não confiar no Senhor. De acordo com Tasker (1980), Jesus demonstra estar totalmente consciente de que o Pai estava o submetendo ao mesmo teste de Israel (sofrer com a fome) a fim de mostrar que o ser humano depende da Palavra de Deus. Assim, “Satanás oferece uma perspectiva mundana do significado de ‘Filho’ de Deus [...]; contudo, confiando na voz do Pai [...], Jesus define sua missão conforme as Escrituras” (KEENER, 2017, p. 54).

### 3.3 Segundo Teste (vv. 5-7)

Conforme o autor diz no v. 5, a fim de lançar seu segundo ataque, o diabo leva Jesus ao ponto mais alto (pináculo) do templo em Jerusalém, o qual ficava de frente a um vale profundo de onde, portanto, uma queda seria fatal (KEENER, 2017).

Então, no v. 6, o diabo mais uma vez desafia Jesus a demonstrar sua filiação de maneira errada. Para isso, ele cita versos isolados do Salmo 91 (vv. 11 e 12). Esse salmo fala da proteção e livramento de Deus aos seus servos, não de testar a Deus exigindo um sinal para provar isso — o que é exatamente aquilo que o diabo está propondo a Jesus. O “versículo 10 do mesmo salmo deixa claro que a proteção angelical enviada por Deus [...] é para os acontecimentos que *sobrevêm* a seus servos, e não uma desculpa para buscar esses perigos” (KEENER, 2017, p. 54, grifo do autor).

A seguir, no v. 7, Jesus contra-ataca novamente a tentativa do diabo de fazê-lo se desviar de sua missão e fidelidade ao Pai, citando as Escrituras mais uma vez. Agora ele cita Deuteronômio 6.16.

No contexto da passagem citada por Jesus, Moisés faz “uma referência à maneira pela qual os israelitas puseram Deus à prova em Massá, recusando-se a aceitar que o Senhor estivesse entre o povo até ele realizar um sinal” (KEENER, 2017, p. 54). Ou seja, Moisés alerta os israelitas a não cometerem o mesmo erro que seus antepassados cometeram ao tentarem ao Senhor no deserto quando lhes faltou água.

No episódio citado por Moisés, (cf. Êxodo 17.1-7), ao estarem acampados em Refidim, os israelitas contenderam com ele por ter os tirado do Egito para morrer no deserto (v. 2,3). Moisés, então, clama a Deus por uma solução para aquele problema, o qual estava a

ponto de levá-lo a ser apedrejado pelo povo (v.4). Deus, por sua vez, ordena que Moisés bata com sua vara em determinada rocha em Horebe, o que faz com que água jorre para o povo sedento (vv. 4-6). Assim, o autor informa que lugar ficou conhecido como Massá e Meribá<sup>90</sup>, “porque ali os israelitas reclamaram e puseram o Senhor à prova, dizendo: ‘O Senhor está entre nós, ou não?’” (v. 7). Em outras palavras, Israel questionou se Deus estava de fato no meio deles, testando-o ao exigir um sinal (água) para que fosse provado isso.

No Salmo 95, o salmista traz à memória dos israelitas esse episódio de rebelião e incredulidade de Israel no deserto, alertando-os a ouvirem a voz de Deus e a não endurecerem o coração como em Massá e Meribá, “onde os seus antepassados me tentaram, pondo-me à prova, apesar de terem visto o que eu fiz” (v. 9). Então, continuando o seu alerta, o salmista fala acerca da ira de Deus sobre o povo e da sua punição: “Jamais entrarão no meu descanso”. (v. 11; cf. Hebreus 3.7-19).

Para Carson (2010, p. 145), portanto, da mesma forma Jesus foi tentado a colocar Deus à prova, mas ele “considerou o teste de Satanás um tipo de suborno expressamente proibido pela Escritura”, pois, “era errado exigir proteção milagrosa como prova do cuidado de Deus; a atitude apropriada é confiar e obedecer”. Destarte, mais uma vez, ao contrário de Israel que tentou ao Senhor, Jesus não coloca à prova o seu Deus ao se jogar do alto do templo. Mas ainda resta um último teste.

### **3.4 Terceiro Teste (vv. 8-11)**

Agora, nos vv. 8,9, o Evangelista informa que o diabo conduz Jesus a um monte altíssimo para lançar o seu terceiro e último ataque. Assim, o diabo promete entregar a Jesus toda a glória e grandeza dos reinos deste mundo se ele o adorar. Conforme Keener (2017), uma vez que este mundo não pertence ao diabo, o que ele oferece a Jesus aqui é transformá-lo no Messias militar e político esperado pelos judeus. Nas palavras de Carson (2010, p. 145): “o caminho mais curto para conseguir a mais plena autoridade messiânica”.

A seguir, Jesus lança seu contra-ataque final, conforme Mateus descreve no v. 10. Jesus repreende o diabo e mais uma vez cita as Escrituras em seu contra-ataque. Agora, ele usa Deuteronômio 6.13, texto que descreve a exortação de Moisés aos israelitas para que eles não fossem atrás dos falsos deuses dos povos de Canaã, mas que adorassem e servissem ao único Deus, YHWH, aquele que os tirou do Egito.

---

<sup>90</sup>Meribá significa “rebelião”.

Esse alerta de Moisés é importante devido ao episódio em Êxodo 32.1-6. Após várias demonstrações de incredulidade e falta de confiança naquele que os tirou do Egito, manifestadas durante a peregrinação no deserto, esse texto registra como Israel chega ao ápice do seu pecado e rebeldia contra o Senhor.

Acampados diante do Monte Sinai, os israelitas exigem que Arão produza imagens de deuses para que os conduza, pois Moisés estava demorando para descer do monte (v. 1). Então, Arão cede à pressão dos israelitas e lhes solicita peças de ouro a fim de fundir e produzir uma imagem (vv. 2-4). Tais ídolos ficaram semelhantes a bezerros, diante dos quais o povo exclamou: “Eis aí os seus deuses, ó Israel, que tiraram vocês do Egito” (v. 4). Após isso, Arão também edifica um altar e anuncia uma festa (que estranhamente) seria dedicada ao Senhor no dia seguinte, o que de fato ocorreu, inclusive com práticas de sacrifícios (vv. 5,6).

Devido a isso, e reconhecendo os seus pecados, bem como os do seu povo e dos seus antepassados, o autor do Salmo 106 começa a listar os episódios onde Israel foi infiel e como Deus, apesar disso, permaneceu fiel ao seu povo. Então, nos versos 19,20, ele comenta sobre esse pecado de idolatria dos israelitas, dizendo que no “monte Sinai, fizeram um bezerro; prostraram-se diante de uma imagem de metal. Trocaram seu Deus glorioso pela estátua de um boi que come capim”.

Em contraste com isso, o que Mateus registra nesses versículos é que, ao contrário de Israel, Jesus permanece fiel em sua adoração e culto ao único Deus. Afinal, “Jesus reconhecia que a sugestão de Satanás acarretava privar Deus de sua afirmação de adoração exclusiva: nem Israel ‘filha’ de Deus e nem Jesus ‘Filho’ de Deus podiam se desviar da submissão total a Deus” (CARSON, 2010, p. 146).

É interessante também que no final do Evangelho de Mateus Jesus dirá que toda a autoridade no céu e na terra foi dada a ele (cf. Mateus 28.18). Ou seja, aquilo que o diabo promete a Jesus se ele desobedecesse a Deus, o Pai irá lhe conceder pelo fato de ter sido fiel até a morte. “A recusa de Jesus, que não cedeu a Satanás, significou, com efeito, que Ele não abandonaria a função do Servo do Senhor” (LADD, 2003, p. 216). Assim, “Jesus derrota o diabo numa perseverante lealdade a Deus que demonstra a veracidade de sua filiação divina” (HURTADO, 2012, p. 339).

Então, no v. 11, Mateus diz que o diabo deixa Jesus. “Embora o conflito mal tenha começado, o padrão de obediência e de confiança foi estabelecido” (CARSON, 2010, p. 146). Pois, em Jesus, “que era o Filho inteiramente obediente a Deus, devia ser visto em perfeição tudo o que Israel, chamado por Deus do Egito para ser seu Filho, devia ser, mas que nunca havia sido, por causa da desobediência” (TASKER, 1980, P. 41).

Então, alguns anjos vêm e servem a Jesus, provavelmente com comida e água, semelhante ao que aconteceu ao profeta Elias no deserto em (cf. 1Reis 19). É interessante o fato também que os anjos que o diabo citou no v. 6 (usando versículos fora de contexto) para fazer Jesus ceder à tentação, vêm agora servi-lo após ele ter passado no teste e permanecido fiel ao Pai.<sup>91</sup> Aqui, portanto, se cumpre “o salmo 91, com a vinda dos anjos para servir Jesus, que provou ser fiel ao seu Pai” (OLIVEIRA, 2018. p. 71).

Com essa atitude de obediência e fidelidade, Mateus irá mostrar como isso se torna o parâmetro para aquilo que Jesus irá ensinar às multidões ao longo do Evangelho, bem como para criticar os judeus hipócritas e infiéis.

Portanto, enquanto a trajetória de Israel após sair do Egito foi marcada por desobediência no deserto, Mateus relata que Jesus (aquele que incorpora Israel em si mesmo), também chamado do Egito (cf., Mt 2.15), foi obediente a Deus no deserto.<sup>92</sup> Como afirma Oliveira (2018), Jesus retoma o itinerário de Israel no deserto, porém como a diferença que a geração que saiu do Egito não entrou em Canaã devido sua falha diante das tentações.

#### **4. PROPÓSITO DE MATEUS PARA A SUA AUDIÊNCIA**

Comumente é aceito que Mateus escreveu para um público majoritariamente judeu. Algumas evidências apontadas para apoiar tal teoria são os termos judaicos e também as abundantes citações de textos do AT encontrando seu cumprimento em Jesus presentes no registro mateano. Assim, “[..]não é fácil imaginar que em sua mente o autor estivesse procurando alcançar um grupo predominantemente gentílico” (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 90).<sup>93</sup>

Que Mateus intencionou apresentar Jesus não só como sendo o cumprimento da esperança judaica e o ápice da história do antigo Israel, mas também como o Israel escatológico, já pôde ser demonstrado na análise da sua narrativa da tentação.<sup>94</sup> Porém, há uma questão ligada a isso: qual seria o propósito (pelo menos em parte) de Mateus ao descrever Jesus dessa forma? Ou seja, o que ele objetivou ensinar, evidenciar ou mostrar para

---

<sup>91</sup>Veja: KEENER, 2017, p. 54; CARSON, 2010, p. 146.

<sup>92</sup>*Insight* derivado e adaptado daquilo que Beale, 2014, p. 63 diz, embora ele se refira a uma outra passagem de Mateus.

<sup>93</sup>Veja: OVERMAN, 2020, p. 155.

<sup>94</sup> Beale, 2013, p.131, n. 11, diz que alguns estudiosos de linha dispensacionalista (tanto a clássica quanto a progressiva) tem dificuldade em identificar Jesus com Israel por acharem que isso significaria uma teologia da substituição, o que levaria a negar qualquer plano futuro salvífico da nação de Israel. Porém, ele afirma que ambas as afirmações não são necessariamente autoexcludentes.

a sua audiência e qual reação que ele esperou provocar nela? E ligado a isso: qual seria o *sitz im leben* das comunidades cristãs na época da redação deste Evangelho?

Alguns estudiosos apontam que os temas trabalhados por Mateus ao longo do evangelho visam atender algumas demandas. Segundo Carson (2010, p. 44), algumas delas são:

(1) instruir e talvez catequizar[...]; (2) fornecer material apologético e evangelístico, em especial, para ganhar judeus; (3) encorajar os cristãos em seu testemunho diante de um mundo hostil; e (4) inspirar fé mais profunda em Jesus, o Messias, junto com a compreensão madura da pessoa, da obra e do lugar único dele no desdobramento da história da redenção.

De acordo com Tasker (1980, p.14), é possível dizer que, em resumo, “o Evangelho de Mateus serviu como apologia, manual de instrução e lecionário para o uso no culto cristão”.

Sob esse prisma, Keener (2017) diz que Mateus redigiu o Evangelho a fim de encorajar as comunidades cristãs de sua época na evangelização de judeus e gentios, treinar discípulos e atender as necessidades de cristãos judeus que estavam em conflito com o sistema religioso farisaico.

Assumindo que o Evangelho de Mateus foi redigido após a destruição do templo em 70 d.C., J. Andrew Overman (2020) diz que a comunidade de Mateus estava em competição com o judaísmo formativo<sup>95</sup>. Segundo o mesmo autor, Mateus escreve o seu Evangelho a fim de apresentar a sua comunidade (a comunidade do Messias Jesus) para contrapor a afirmação da liderança do judaísmo formativo de que eles “eram os grandes herdeiros da grande tradição e os portadores da revelação de Deus ao seu povo” (2020. p. 75).

Blomberg (BEALE; CARSON, 2014, p. 1-2), por sua vez, informa que uma boa parte dos estudiosos acredita que os primeiros leitores haviam deixado as sinagogas pouco tempo antes da redação desse Evangelho. Mas que, apesar disso, “os cristãos judeus continuavam empolgados e tentavam convencer parentes e amigos não convertidos de que Jesus era o Messias e que segui-lo era o modo de constituir o novo Israel, verdadeiro e livre”.

Dessa forma, uma hipótese que pode ser levantada é que Mateus, ao apresentar Jesus como o Israel escatológico, talvez quisesse mostrar à sua audiência, aos cristãos da época da sua redação, que se torna povo de Deus todo aquele que está em relacionamento com Cristo, não mais aquele que simplesmente faz parte do Israel étnico.

---

<sup>95</sup> Com a expressão “judaísmo formativo”, Overman se refere a um movimento emergente entre as duas revoltas judaicas que tinha por objetivo buscar uma consolidação e coalizão no judaísmo que se encontrava extremamente fragmentado no período romano da Palestina.

R. T. France (LADD, 2003, p. 293), apoiando tal hipótese, diz que, para Mateus, Jesus é “o principal líder e representante em quem o destino da nação está agora concentrado”. Devido a isso, agora, “pertencer a ‘Israel’ deve significar pertencer a Jesus, e é por meio do relacionamento com Ele que seu povo, seja judeu seja gentio, torna-se o Israel de Deus”. De acordo com Overman (2020, p. 85), “Jesus e a vida da comunidade de Mateus estão em continuidade com as tradições e promessas da história de Israel. De fato, como resultado desse uso distintivo da Escritura por Mateus, Jesus e, por meio dele, a comunidade de Mateus, são apresentados como o cumprimento dessa mesma história e tradição”.

É necessário um certo cuidado, entretanto, para não cair em um reducionismo aqui. Em primeiro lugar, é preciso enfatizar que o que foi apresentado acima, embora com boas probabilidades, é apenas uma hipótese e que de modo algum a intenção é afirmar que esse foi o único ou até mesmo o principal propósito de Mateus ao redigir o seu Evangelho.

Segundo, tal proposta pode ser usada para indicar, como alguns críticos da forma afirmaram, que Mateus montou sua narrativa sem se preocupar muito em ser fiel aos relatos históricos, e sim, a fim de atender os seus objetivos ao escrever à sua audiência. Contra isso, porém, Blomberg (2019, p. 344. n. 82) diz que é muito improvável que os primeiros cristãos inventassem a narrativa da tentação, uma vez que, desde então, “os cristãos têm se debatido com a ideia de Jesus ter até mesmo o *potencial* de pecar” (grifos do autor).<sup>96</sup> Nessa mesma linha, Giuseppe Segalla (2013) aponta que tal pressuposto sociológico da crítica da forma (em Bultmann) é sem fundamento, pois descreve a igreja como sendo autocentrada e pouco fundamentada na história de Jesus.

Terceiro, Carson, Moo e Morris (1997, p. 95) defendem que Mateus “num nível secundário, [...] oferece uma janela que permite enxergar a vida da igreja na época em que foi escrito”. Entretanto, continuam eles, “deve-se insistir em que essa janela nunca é transparente: na melhor das hipóteses é translúcida, e as sombras que alguém nela enxerga devem ser interpretadas com algum cuidado”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>96</sup>Alguém poderia contra-argumentar dizendo que, uma vez que Jesus enfrentou a tentação sozinho no deserto, Mateus (e os demais discípulos) não seria capaz de descrever o que houve. Portanto, isso seria uma forte indicação que Mateus inventou essa história a fim de atingir seus objetivos narrativos. Porém, a hipótese de que foi o próprio Jesus quem descreveu o episódio no deserto aos seus discípulos não é de maneira alguma improvável e parece fazer mais sentido. Tasker (1980, p. 42) adota tal hipótese.

A partir de uma análise comparativa, pôde ser verificado então como o evangelista narra a tentação de Jesus de forma análoga aos testes aos quais Israel foi submetido no deserto. Porém, ao apresentar Jesus como sendo o antítipo de Israel, Mateus demonstra que ele é o Filho perfeito e definitivo, pois, ao contrário dos israelitas, Jesus triunfou diante das tentações.

Portanto, ao ser analisado o título “Filho de Deus” que Mateus aplica a Jesus, bem como a descrição do seu comportamento diante da tentação no deserto, este estudo apontou para o fato de que isso indica não só a messianidade davídica de Jesus, mas também para ele sendo o rei representante do seu povo e o Israel escatológico, definitivo. Ou seja, ao olhar para a passagem da tentação segundo Mateus, poderá ser verificado que, em sua vida e missão, Jesus cumpre o chamado e vocação de Israel de maneira fiel e definitiva, e assim, incorpora em si mesmo Israel. Tal convicção serviu como norteador hermenêutico para Mateus em seu uso de textos do AT, que originalmente se referiam a Israel, encontrando um cumprimento pleno em Jesus.

## **BIBLIOGRAFIA**

BARTHOLOMEW, Craig. G.; GOHEEN, Michael W. **O drama das Escrituras: encontrando nosso lugar na história bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento: exegese e interpretação**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BEALE, G. K. **O uso do Antigo Testamento no Novo Testamento e suas implicações hermenêuticas**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada: nova versão internacional**. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. 12. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2001

BLOMBERG, Craig. L. **A confiabilidade histórica dos evangelhos**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

BLOMBERG, Craig. L. **Mateus**. In: BEALE, G. K.; CARSON, D.A. (org.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

CARSON, D. A. **Jesus, o Filho de Deus: o título cristológico muitas vezes negligenciado, às vezes mal compreendido e atualmente questionado**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DUNN, James D. G. **Teologia do Novo Testamento: uma introdução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

FRANCE, R. T. **Mateus, Marcos e Lucas**. In: LADD, George E. Teologia do Novo Testamento. Ed. Rev. São Paulo: Hagnos, 2003.

GREIDANUS, Sidney. **Pregando Cristo a partir do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

HURTADO, L. W. **Senhor Jesus Cristo: devoção a Jesus no cristianismo primitivo**. Santo André (SP): Academia Cristã/Paulus, 2012.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento**. Ed. Rev. São Paulo: Hagnos, 2003.

MARCZYK, Marta Bernadete Frolini de Aguiar. **A interpretação tipológica da Bíblia e seus reflexos na representação do povo judeu**. 2010. Tese (Doutorado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-03112010-095237/pt-br.php>. Acesso em: 5 mar. 2023.

OLIVEIRA, Nuno André Mariz. **As Tentações de Jesus: Um estudo exegético-teológico de Mt 4, 1-11**. 2018. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.14/36800>. Acesso em: 5 mar. 2023.

OVERMAN, J. Andrew. **O Evangelho de Mateus e o judaísmo formativo: o mundo social da comunidade de Mateus**. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

SEGALLA, Giuseppe. **A pesquisa do Jesus histórico**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

TASKER, R. V. G. **Mateus: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1980.

THIELMAN, Frank. **Teologia do Novo Testamento: uma abordagem canônica e sintética**. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

THOMPSON, J.A. **Deuteronomio: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 1982.

WRIGHT, N. T. **Como Deus se tornou rei**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.